

ARQUIVO 1

"O Turismo e o Turista na Sociologia e Antropologia do Turismo: Algumas Considerações Teóricas e Implicações para a Gestão do Turismo"

Nelson A. Quadros Vieira Filho*

Resumo

Este artigo aborda criticamente as diversas concepções que se encontram na literatura sociológica e antropológica sobre o turismo, turistas e suas motivações e atitudes. Mostra-se toda a complexidade dessas categorias e como as generalizações nesse campo são difíceis de serem sustentadas à luz da variedade e riqueza de situações concretas, especialmente quando estas são observadas de perto por um olhar antropológico de cunho mais etnográfico e devidamente problematizadas. Enfatiza-se o papel e a importância desse tipo de abordagem antropológica para essa discussão no plano teórico e para a gestão sustentável do turismo.

Palavras-chave: Turista, Sociologia, Antropologia, Gestão do Turismo

Abstract

This article approaches critically the diverse conceptions found in the sociological and anthropological literature about tourism, tourists and their motivations and attitudes. It is shown all the complexity of these categories and how generalisations in this field are difficult to be sustained at the light of the variety and richness of concrete situations, especially when these are closely observed through and anthropological and more ethnographic point of view and properly framed. It is emphasised the role and importance of this kind of anthropological approach for this discussion at the theoretical level as well as for the sustainable management of tourism.

Keywords: Tourist, Sociology, Anthropology, Tourism Management

*Ph.D. Manchester; Antropólogo, Consultor e Professor de Turismo da UNA

Introdução

As concepções sobre o que vem a ser turismo e turista, assim como as motivações e comportamentos de turistas nem sempre tem sido devidamente considerados na literatura da Sociologia e Antropologia do Turismo, normalmente sendo objeto de grosseiras generalizações, onde se perde a riqueza das particularidades e as visões das próprias pessoas sobre esse processo.

O objetivo deste artigo é rever como essa literatura vem tratando esses temas, apontando como um olhar antropológico de cunho mais etnográfico, galgado no método da observação participante, pode contribuir para essa discussão.

Na sessão seguinte e na conclusão do artigo, reflete-se respectivamente sobre os conceitos de turismo e turista nessa literatura e sobre como tratar adequadamente as questões daí advindas, incluindo-as no âmbito das discussões envolvendo o planejamento e gestão do turismo.

O turismo e o “turista” na Sociologia e Antropologia do Turismo

Em linha com a tradição modernista que prevaleceu na antropologia e sociologia até meados dos anos 80, os mais influentes antropólogos e sociólogos trabalhando no desenvolvimento teórico do campo de estudo em questão despenderam consideráveis esforços tentando definir e delimitar o objeto de estudo e construir tipologias de diferentes tipos de turismo e turistas. Esses eram usualmente considerados os principais passos necessários para orientar estudos empíricos e comparações culturais, sobre as quais uma teoria genérica de turismo e seus impactos sociais e culturais poderia ser construída.

Em linha com essa tendência, Nash (1981) tentou desenvolver uma definição universalmente aplicável de turista como “uma pessoa em lazer que também viaja” e de turismo como uma atividade dessas pessoas, independentemente das motivações e especificidades envolvidas. A concepção modernista de lazer por ele adotada baseava-se na noção de “liberdade das obrigações primárias”, tal como colocado anteriormente por Dumazedier (1968). A definição ampla de turismo de Nash (1981) como uma “atividade de lazer que requer viagem” levou-o a identificar alguma forma de turismo ou proto-turismo em todas as sociedades humanas, a despeito da concepção e caráter do fenômeno do “lazer” e do “turismo” serem

sobretudo moderna e ocidental e associada ao advento do capitalismo, como já colocado por vários autores. Assim, Pi-Sunyer (1981) sugeriu que turismo ligado à comercialização de lazer é um fenômeno tão moderno, que comparações gerais com viagem e lazer podem obscurecer a questão ao invés de ajudar a iluminá-la. A definição de turismo de Nash recebeu outras fortes críticas na literatura, como a de Dann (1981), que reclamou que a definição era muito ampla para propósitos analíticos e ao mesmo tempo excessivamente restritiva, não fazendo distinções entre tipos de viagem. Para Dann, esse paradoxo deveu-se à relutância de Nash em examinar tipologias e as motivações a elas subjacentes.

Uma boa parte da literatura examinada abordou o problema da “natureza” e causas do impulso turístico em sociedades “modernas”, em busca, usualmente, de explicações generalizantes.

Um dos pioneiros nesse debate foi o historiador Boorstin (1964). Ele defendeu a idéia de que o “*mass tourist*” (turista de massa) em grupos guiados, isolados do ambiente receptor e das pessoas locais em verdadeiras “bolhas ambientais”, não encontram prazer na “realidade” mas, ao invés, viajam nas experiências e atrações inautênticas - os “pseudo-eventos”. Para ele, essa atitude, reforçada por certas práticas de oferta de produtos da indústria turística, tornaria o turismo em um sistema auto-perpetuador de ilusão.

O sociólogo MacCannell (1976) estava, como Boorstin, preocupado com a “inautenticidade” produzida pela vida moderna e capitalismo, na qual objetos se multiplicam e se tornam mais descartáveis e o conteúdo simbólico dos artefatos culturais, diluídos. Entretanto, MacCannell (1976) estava mais interessado nas formas pelas quais o homem moderno procura lidar com esta questão. Ele criticou Boorstin pela sua atitude preconceituosa em relação a turistas, contrapondo o que julgava ser evidência “objetiva” para um argumento oposto: para ele, turistas estariam em busca de significado e “autenticidade” em suas experiências. No caso de alguns turistas, quanto maior o grau de diferença do “Outro” que ele encontra, mais satisfatória é a experiência turística.

Também foi sustentado (Graburn, 1983a; 1983b) que o processo turístico assemelha-se a “ritos de passagem”, tal como o que ocorreria com os peregrinos na análise de Turner (1973; 1978), em seu movimento ao longo dos estágios de partida, liminalidade e reintegração. Para Turner (1974a; 1974b) essa natureza fundamental do processo ritual seria universal. As analogias que foram feitas entre turismo e ritual religioso na abordagem Turneriana centraram-se na idéia de que a suspensão das obrigações do dia-a-dia é um aspecto essencial subjacente ao cará-

ter mais “solto” das situações turísticas. Tais situações foram, por vezes, descritas através do conceito Turneriano de **liminalidade** - referindo-se a um estado obrigatório de anti-estrutura e ‘*communitas*’ tipicamente vivenciados por indivíduos em contextos religiosos - e situações **liminoides**, que são típicas de contextos modernos seculares. No estágio liminal, a pessoa que passa pelo ritual é tomado com em estado especial, separado da sociedade e vida normal, um estado tido como sagrado, perigoso ritualmente, vulnerável, poluidor ou sujeito à poluição. O estágio liminal é posterior ao estágio da separação da vida social normal e da comunidade e é seguido pelo estágio da re-incorporação da pessoa à vida normal, em tese, renovado espiritualmente. De forma similar, a diversão do turista pode retorná-lo “renovado” para a sua existência de rotina, embora não necessariamente mude a sua vida espiritualmente. Pesquisadores na tradição Turneriana (Wagner, 1977; Lett, 1983) tenderam a enfatizar o aspecto lúdico do turismo, característico da liminalidade do comportamento do turista, onde o lazer tomaria o lugar do ritual, compensando o indivíduo existencialmente, socialmente e culturalmente.

Embora inspirados nesse tipo de análise funcionalista genérica, alguns autores como Passariello (1983), buscaram detalhar as características da “inversão” do turismo em termos das particularidades das experiências de turistas e como as experiências liminais foram vividas em contextos concretos.

Com base na análise de Passariello dos turistas recreacionais da classe média mexicana e no estudo de Pfaffenberger (1983) das características recreacionais dos modernos centros de peregrinação no Sri Lanka, Graburn (1983b:16) concluiu que “não há uma linha divisória rígida e bem definida entre peregrinação e turismo”.

Há entretanto críticas importantes a esse tipo de analogia e análise funcionalista genérica. Muito embora seja amplamente aceito que turistas, quaisquer que sejam seus motivos individuais, buscam um “*break*” e alguma forma de contraste com sua rotina (Boissevain, 1996), é também reconhecido que o mundo do turismo é repleto de distinções de classe e que não se encontram reversões tão nítidas do tempo comum para o de “*communitas*” em muitos contextos turísticos, especialmente nos pacotes turísticos mais estruturados (Crick, 1989). O argumento de Cohen (1979) de que nem todos os turistas são lúdicos, também restringe algumas aplicações dos conceitos de Turner. E mais: enquanto a diversão do turista pode retornar o turista “renovado” para a sua existência de rotina, ela não necessariamente muda a sua vida espiritualmente. Dentro desse raciocínio, Cohen (1985:302) já havia notado que enquanto a experiência lúdica é marginal no plano de vida do turista “recreacional”, o ‘rito de passagem’ é central no plano de vida do peregrino religioso.

Cohen (1979) também apontou certa tendenciosidade nas amostras de turistas nos estudos de Boorstin (1964) e MacCannell (1976), argumentando que estas seriam mais adequadas para o entendimento do comportamento de tipos distintos de turistas, mas não de todos eles. Cohen (1984:293) sugeriu que, a um nível estrutural e profundo de análise, o turismo pode ser mesmo análogo à peregrinação, mas distintos modos fenomenológicos de experiências dos turistas deveriam ser especificados “pela extensão na qual eles refletem (...) os temas estruturais de fundo.”

Para Cohen, diferentes modos de experiência turística são caracterizados por diferentes graus de transformação do “Outro” em um novo “centro eletivo” de significação que, como tal, não é necessariamente um centro social, no sentido funcional-estrutural, e poderia estar localizado fora dos confins sociais e culturais da modernidade recente. Seu argumento é que com o “desencanto” com uma “divindade” característica do mundo contemporâneo, concebida tradicionalmente, o homem tenta superar o niilismo de várias maneiras, incluindo a eleição de uma multiplicidade de “centros” de significação, em sua busca religiosa. Nessa perspectiva, religião não é primariamente concebida como a base ou centro da ordem social. A ênfase é na busca religiosa pessoal enquanto a sociedade, bem como o indivíduo, é concebida como “sem centro”. Cohen argumenta que os esforços dos indivíduos para “re-centrar” o mundo são caracterizados por essa ausência de centro, narcisismo, hedonismo e tipicamente envolve uma demanda por salvação e gratificação estantêneas bem como uma mudança, aparentemente sem sentido, de um centro eletivo para outro. O turismo seria um dos principais tipos de centros eletivos - juntamente com a conversão, o oculto e a ficção científica - e absorve, nesse veio, algumas das funções da religião no mundo moderno. De acordo com Cohen (1987:339), o turismo oferece usualmente, de forma implícita, centros eletivos potenciais “que evocam uma promessa de harmonia entre as necessidades e desejos individuais e a ordem social, ou a possibilidade de liminalidade pessoal, irrestrita”.

Em um trabalho anterior, Cohen (1974) também tinha tentado superar o problema da indefinição das “fronteiras” do turismo, provendo uma definição do “turista” que isolou o “componente turista” da categoria mais geral de viagem e da variedade de papéis dos viajantes. Sua definição, que se tornou muito popular na literatura, sustenta que “o turista é um voluntário, viajante temporário, viajando na expectativa do prazer da novidade e da troca, experimentada em uma viagem de ida e volta relativamente longa e não-recorrente” (Cohen, 1974: 533). Desde então, entretanto, Cohen tem afirmado que turismo é um conceito complexo, com muitas categorias intermediárias e que cada uma dessas dimensões deve ser vista como um continuum, ao longo do qual vários valores podem ser distinguidos.

Assumindo que diferentes visões de mundo dos turistas - particularmente sua busca por um "centro espiritual" - levam a diferentes modos de experiências turísticas, Cohen (1979) desenvolveu uma tipologia bem conhecida, combinando o grau que a jornada representa uma "busca do centro" e a "natureza deste centro". Sua tipologia, que tinha em seus extremos opostos categorias que lembram o tipo geral sugerido por Boorstin (1964) e o turista lúdico dos Turnerianos por um lado, e o sugerido por MacCannell (1976) por outro, ia da experiência do turista como um viajante em busca de "mero" prazer no estranho e insólito, até o moderno peregrino em busca de significado no centro de algum "Outro". Ele os denominou de modos 'recreacional', 'diversionário', 'experiencial', 'experimental' e 'existencial' (vide Cohen, 1979).

As críticas de Cohen (1979) a todos aqueles que tinham seguido as hipóteses de Boorstin (1964), MacCannell (1976) e Turner (1969, 1974a; 1974b, 1978) e tendiam a produzir hipóteses excessivamente genéricas sobre turistas parecem justas. Entretanto, o esforço de Cohen em distinguir diferentes "tipos" de turistas reproduz, em um nível intermediário de análise, o tipo de problema da generalização que ele estava tentando evitar. Esse tipo de problema detecta-se também em algumas tentativas conhecidas de conceituação e tipologias de turismos e turistas que surgiram posteriormente, tais como as de Smith (1989) e Graburn (1983b).

Smith (1989:02) proveu uma definição do turista como uma "pessoa temporariamente em lazer que voluntariamente visita um lugar distante de casa com propósito de experimentar uma mudança". Em contraste com Cohen e outros escritores, que tendiam a tratar turismo como um componente dentro de uma categoria mais geral de viagem e papéis dos viajantes, a definição de Smith coloca viagem, lazer e mudança, como aspectos especiais do turismo em si mesmo. Smith (1989) também desenvolveu duas tipologias populares. Em primeiro lugar, diferentes formas de turismo são discriminadas em termos de tipos de mobilidade do lazer assumidos pelo turista: 'étnico', 'cultural', 'histórico', 'ambiental' e 'recreacional'. A segunda tipologia - baseada em números, objetivos e adaptação de turistas a normas locais - distingue entre o 'explorador', a 'elite', o 'excêntrico', o 'não-usual', a 'massa incipiente', a 'massa', e 'turistas-charter' (vide Smith, 1989).

Embora Graburn (1989) parece preferir a definição acima de Smith do que é um turista, ele argumenta que, como tal, o turismo não existe universalmente. De qualquer forma, seria funcionalmente e simbolicamente equivalente a outras instituições humanas que provêm uma das necessárias quebras estruturadas da vida ordinária que caracteriza as sociedades humanas. Em sua visão, turismo envolve viagem e cai no rol dos comportamentos necessários, não-ordinários, não-instru-

mentais que incluem não apenas ritual mas também jogo, cerimônia, comunhão, estados alterados de consciência, meditação, culto, peregrinação e assim por diante (Graburn, 1989). Graburn parece conceber viagem como um aspecto especial do turismo e nesse sentido, tendo antecedentes e equivalentes em outras instituições tais como viagens de estudantes medievais, as Cruzadas, circuitos de peregrinação europeus e asiáticos.

Em adição, Graburn (1983b) achou importante diferenciar dois tipos de turismo. Férias periódicas, cíclicas ou anuais seriam para ele paralelos dos ritos de intensificação cuja função é renovar o mundo social e natural, enquanto o turismo árduo, auto-desafiante, seriam paralelos dos ritos de passagem tal como discutido por Turner e seus seguidores. Graburn (1983b; 1989) também frisou que turismo deveria ser compreendido em contraste com seu complemento oposto: a vida de trabalho ordinária. Ser um turista usualmente envolveria mudanças no comportamento normal e o engajamento prazeroso em atitudes "extravagantes", se não "ilícitas". Como observado por Boissevain (1996), esta mudança é freqüentemente sinalizada por roupas informais e "relaxadas", de lazer, e comportamento que pode ser barulhento, lascivo, bêbado e rude. A despeito das várias formas de turismo, para Graburn, a motivação básica subjacente parece ser a necessidade humana de ludismo e "re-creation", cuja origem poderia estar apoiada na tendência invariável da existência humana de atribuir significado a suas vidas.

Nash (1984), por outro lado, atacou Graburn, no sentido de que ele não provê evidência para sua afirmação de que a causa última do turismo reside na necessidade universal de alternância. Para Nash, não é possível distinguir tal necessidade nem expor as condições que levam pessoas a se satisfazer através do turismo, se tal necessidade de fato existe. Além disso, turismo pode não apenas implicar mudança e inversão mas também "mesmice" e continuidade. Ele também acusou Graburn de focar excessivamente nos aspectos de representação e ritualização do turismo, deixando de lado a questão chave do comportamento dos turistas. Nash conclui bastante convincentemente que não há uma única razão que leva pessoas a viajar e este fato constitui um solo fértil para a pesquisa antropológica em situações específicas de campo. A despeito de suas diferenças, as posições de Nash e Graburn parecem diferir mais nos meios do que nos fins, uma vez que eles acreditam que se deveria continuar a busca por uma explicação das causas do turismo e porque ele ocorre na freqüência, no tempo, lugar e forma em que se observa.

Nesse sentido, Nash (1981, 1984) também mencionou a importância do contexto de uma política econômica mais ampla e do papel do Estado e setores da indústria do turismo neste processo. Na maioria dos estudos envolvendo essa questão, o

papel destes agentes foi examinado principalmente no que diz respeito às definições e estratégias de marketing que eles adotaram em relação a noções de autenticidade, patrimônio e identidade cultural (Wood, 1984; Silver, 1993), bem como aos efeitos destas definições e estratégias sobre turistas e locais. Tais estudos enfatizaram sobretudo como essa indústria usualmente induz expectativas e atitudes de turistas, definindo e promovendo arbitrariamente o que vem a ser o autêntico, a identidade e patrimônio cultural e turístico, sem maiores consultas e cuidados com as populações locais, o que por sua vez gera a commoditização de certos bens culturais, o fenômeno da “*staged authenticity*” ou “autenticidade performada” para os de fora, além de outros efeitos e mudanças sócio-culturais.

Cabe lembrar que esses autores não chegaram a explorar as conseqüências das críticas ‘a idéia de “autenticidade”, formuladas por autores como Greenwood (1982). Greenwood (1982:27) já havia apontado a qualidade “negociável” de objetos e atrações e pertinentemente sugerido abordar a questão do ponto de vista dos atores sociais envolvidos. O estudo de Gotlieb (1982) de americanos em férias inaugurou este novo foco sobre autenticidade do ponto de vista de turistas, abordando o que eles sentiam e vivenciavam como “autêntico”.

Os trabalhos recentes mais conhecidos na literatura não parecem, na maioria dos casos, ter avançado na discussão do turismo e do “impulso” do turista. Urry (1990a; 1990b) e MacCannell (1992), por exemplo, informam as características gerais do processo crescente de globalização, homogeneização, instabilidade, ‘inautenticidade’ e ‘crise de representação’ que têm sido citados para caracterizar os tempos recentes (Baudrillard, 1983; Hughes, 1995), mas não abandonam inteiramente algumas hipóteses generalizantes sobre turismo e nem incorporam completamente elementos da crítica pós-moderna nos seus próprios trabalhos sobre o tópico. Assim, não enfatizam o caráter dialógico da interpretação cultural e permanecem bastante fechados às vozes das pessoas e suas percepções do turismo nesse processo mais amplo.

Nesta linha, Urry (1990a; 1990b) focalizou o “olhar do turista”, argüindo que há modos sistemáticos de ver o que os turistas olham e que estes modos de ver podem ser descritos e explicados. Entretanto, ele também pontuou que não há um simples olhar, como tal, e que o olhar varia de acordo com diferentes grupos sociais no tempo e espaço. Ainda, similarmente a Graburn, ele argumenta que tais olhares, em um período histórico, são construídos em relação ao seu oposto, as formas não-turísticas de experiência social e consciência, particularmente aquelas relacionadas a casa e trabalho pago. A forma específica do olhar do turista poderia, dessa maneira, ser dependente das formas contrastantes específicas de

experiências não-turísticas. Enquanto este argumento pode parecer mais pertinente a certos tipos de experiências de turistas, ele permanece duvidoso em relação à extensão à qual pode ser generalizado. O ambiente criado por muitos hotéis e resorts turísticos, por exemplo, pode ser visto, em muitos sentidos, como trazendo alguns turistas de volta ao conforto que eles teriam em casa, protegendo-os contra um ambiente estranho.

Tem sido muito colocado que o “tempo” que um ambiente evoca é um elemento importante nas motivações do turista e que ambos, os “tempos” e ambientes que os turistas estão querendo vivenciar também afetam o estilo do “olhar turista” (Urry, 1992). Os tempos recentes têm freqüentemente sido caracterizados por uma rebelião crescente contra o presente e uma crescente nostalgia por um passado idealizado, por uma versão purificada de herança (Lowenthal, 1985; Urry, 1995). Tal nostalgia foi descrita, de forma interessante, por Lowenthal (1985:08) como “memória com a dor retirada”.

MacCannell (1984, 1992) apontou, neste sentido, que é cada vez mais comum testemunhar a reificação das virtudes locais de simplicidade ou o ideal da vida de vila. Para ele, é irônico que ao mesmo tempo que as pessoas se tornam mais dependentes umas das outras para tudo, tendem a desenvolver uma ideologia de extremo individualismo e lutam para consignar o conceito de “comunidade” ao passado pré-histórico ou ao futuro utópico. Para o momento, entretanto, ele acredita que uma das funções primárias das vilas “reais” existentes espalhadas pelo mundo, é se tornarem crescentemente um interessante detalhe nas experiências recreacionais de um turista.

Contestando em parte as conclusões de um dos primeiros trabalhos de MacCannell (1976) já citados aqui, Bruner (1991) notou que muitos turistas parecem, de fato, bastante satisfeitos com sua própria sociedade e não buscam necessariamente autenticidade no “Outro”. Bruner enfatiza que os turistas, algumas vezes, brincam deliberadamente com o “inautêntico”, ao invés de simplesmente viajarem inocentemente no inautêntico, como sugerira Boorstin (1964). De fato, a presença do que veio a ser conhecido como “o pós-turista” (Feifer, 1985; Urry, 1990a; 1990b) tem sido crescentemente notada - uma pessoa que, consciente da mudança e prazeres na multiplicidade de escolhas, aproveita o turismo como um jogo com múltiplos textos e nenhuma experiência turística autêntica, divertindo-se com o inautêntico. Como mais tarde admitia MacCannell (1992), esse tipo de turista sabe, por exemplo, que uma vila de pescador aparentemente autêntica necessita do dinheiro do turismo ou que o *folder* turístico é um tipo de cultura *pop*. Isso é mera-

mente um outro jogo a ser jogado, no contexto pós-moderno. Tem sido também colocado que um crescente número de turistas agora viaja na 'hiper-realidade' (Eco, 1986), onde imitações são vivenciadas como melhor que a "coisa real".

A literatura geralmente reconhece que as motivações e estilos dos viajantes são afetadas por fortes condições ambientais (incluindo o ambiente construído e as questões de lotação e *stress*), culturais, políticas e econômicas, e marcadas por questões de gênero, raça, status e distinções de classe (Clifford, 1992). Como Cosgrove (1989) colocou, motivações morais, religiosas, sexuais e políticas influenciam, no conjunto, nossas respostas a lugares e cenas. Urry (1990a; 1990b, 1995) também concluiu que o "olhar do turista" está se tornando crescentemente associado com vários tipos de práticas sociais e culturais, como esporte, *hobbies* e educação. Esta última observação traz dificuldades adicionais às tentativas de estabelecer os limites do fenômeno do turismo e do *self* turista.

Conclusões

Todas as definições e tipologias do turismo e turistas examinadas aqui são um tanto problemáticas na concepção e deveriam ser vistas com mais ceticismo. Cada definição ou tipologia apresentada necessita especificações e limites que só podem ser arbitrariamente definidos de acordo com os objetivos do pesquisador.

Na prática, é mais provável que o fenômeno sendo examinado problematize tais tipos de limites conceituais que foram delineados de antemão, sobrepondo campos que foram concebidos como unidades discretas ou distintas. Assim, os conceitos de "turismo" e "turista", bem como os conceitos que estão contidos neles a fim de definí-los - tais como a referência a "lazer" e "prazer" - possuem potencialmente diferentes significados para as pessoas em diferentes contextos. Tais conclusões emergiram muito claramente da etnografia trabalhada em minha tese de doutorado (vide Vieira Filho, 1999).

Na literatura revista, "turistas" ou "hóspedes" estão colocados em oposição semiótica a "nativos", "locais" ou "anfitriões" (Jules-Rosette e Bruner, 1994). Enquanto muito tem sido escrito sobre o "turista" como um passo na direção de se entender mais sobre "turismo", o lado dos "locais" ou "nativos" tem sido negligenciado, particularmente com relação ao debate sobre a definição dos termos, que ocuparam tanto as mentes dos estudiosos neste campo. Neste processo, é provável que a maioria deles tenha, erroneamente, tomado por certo que "nativo", "local" ou "anfitrião" eram categorias de entendimento menos problemáticas e

mais óbvias que "turista". Só mais recentemente é que se tem dado uma atenção incipiente à complexidade de tais categorias contrastantes e seu caráter não delimitado e não fixo, mutável de acordo com as intenções e circunstâncias. Neste sentido, Urry (1992:23) diz, por exemplo, que em situações de ação coletiva contra a degradação ambiental em áreas turísticas, alguns turistas poderiam ser vistos como "mais locais" do que os "locais reais". Outras vezes, os próprios locais podem ser vistos como turistas em sua própria cultura (Van den Berghe & Keyes, 1984). Assim, como sumariado por Jules-Rosette e Bruner (1994:404), poderiam existir ambos: "a possibilidade de uma troca de papéis e um forte desejo de mudar estes papéis". O estudo de Waldren (1996), da vila de Deià, em Malorca, também mostrou como o uso dos termos "*insiders*" (de dentro) e "*outsiders*" (de fora) é circunstancial, de acordo com os resultados desejados e que, em boa medida, a questão pode ser mais de uma gradação entre "de dentro" e "de fora". O estudo de Deià oferece uma perspectiva de longo prazo sobre o processo de recriação da identidade em vários períodos e sobre como os conceitos de "de dentro" e "de fora" tem sido mudados e ajudaram a manter um sentido de identidade local sob circunstâncias de mudança.¹

Há muito tempo atrás, Wilson (1981) fez sensatas objeções às questões de definições e excessivas generalizações sobre o assunto, às quais infelizmente não tem sido dada muita atenção. Em sua opinião, com a qual eu compartilho, a procura de uma definição geral válida de turismo e seus tipos inibe, ao invés de facilitar a pesquisa. Ele criticou esse tipo de esforço como sendo de alguma forma remanescente daquela dos evolucionistas do século XIX, que tiraram as instituições do seu contexto histórico e social a fim de prover exemplos de "tipos" e "estágios" previamente identificados em suas especulações de gabinete. Como ele argumenta, o investigador deveria estar preocupado é com os critérios dos turistas (e eu diria também dos "locais") para saber o que é um turista ou uma pessoa "local". Estas e outras questões fascinantes não podem ser colocadas se as definições são estabelecidas anteriormente ao trabalho de campo. O principal ponto de diferença entre uma antropologia do turismo e outras perspectivas sobre o assunto é que nossa abordagem deve ser baseada, como Wilson (1981:477) colocou, "sobre uma estratégia de pesquisa completamente empírica que busca uma compreensão hermenêutica em termos do conhecimento possuído pelos próprios participantes - suas definições, objetivos, estratégias, decisões e percepções das conseqüências de suas ações (intencionais ou não)." Este procedimento ajudará a expor a fragilidade das definições, seus pressupostos positivistas e intenções. Sem dúvida, uma das maiores contribuições que um olhar antropológico pode oferecer

¹ Sobre essa questão, vide também a etnografia e tratamento teórico oferecido por Vieira Filho (1999).

é exatamente conseguir “estranhar” e “desconstruir” conceitos e fenômenos estabelecidos, que nos parecem familiares ou “naturalizados” - no caso, os conceitos de turismo e turistas – mostrando como são culturalmente construídos.

Por outro lado, não se pode negar que uma boa parte da terminologia criada por esses autores pode ter um valor primariamente pragmático, atuando como um tipo de linguagem comum para a comunicação, comparações e discussão de casos e questões sobre esse assunto.

De qualquer modo, tem-se reconhecido recentemente que a compreensão da complexidade e diversidade que o turismo envolve requer um trabalho etnográfico empírico detalhado que dê espaço a diferentes vozes e percepções sobre turismo pelas pessoas investigadas e se mantenha aberto a pluralidade de abordagens teóricas (Crick, 1989).

As questões aqui discutidas quanto à problematização de conceitos e atitudes de turistas tem importantes implicações para o planejamento e gestão do turismo. Normalmente, os modelos de planejamento e gestão do turismo disponíveis adotam principalmente técnicas usuais de entrevistas e *surveys* para abordar turistas e pessoas locais, onde se privilegia o discurso. Complementarmente, a importância de uma participação mais direta do público alvo nesse processo é cada vez mais enfatizada. Essa participação, todavia, tende a se resumir a realização de reuniões e discussões em momentos específicos, onde da mesma forma o discurso é objeto de maior atenção. Falta a esses modelos, em geral, uma abordagem complementar de caráter mais antropológico, galgado no método da observação participante, na etnografia e na interpretação dos vários aspectos relacionados que compõe o contexto pesquisado, incluindo os comportamentos, as interações e diálogos que se estabelecem entre pesquisados e entre pesquisador e pesquisado. Conseqüentemente, esses modelos e técnicas mais convencionais não chegam a captar e compreender devidamente questões como quem são ou deveriam ser considerados “turistas” ou “pessoas locais” em casos concretos, a despeito das definições oficiais, nem a entender as particularidades das motivações e comportamentos dos turistas e outros atores nesse processo.

Todavia, pensar adequadamente em questões tais como ‘o que evidenciar como patrimônio turístico e como geri-lo’, ou ‘como se trabalhar o marketing de uma região de destino, o fluxo turístico e seu comportamento visando minimizar os impactos sócio-culturais do turismo e maximizar os positivos’, de forma a se caminhar para um turismo sustentável e socialmente conseqüente requer, sem dúvida, que se leve em conta as considerações e perspectivas aqui advogadas.

Bibliografia

- Baudrillard, J. 1983. *Simulations*. New York: Semiotext.
- Boissevain, J. (1996) *Coping with Tourists: European Reactions to Mass Tourism*. Oxford (UK): Berghahn Books.
- Boorstin, D. (1964) *The Image: A guide to pseudo-events in America*. New York: Atheneum.
- Bruner, E. (1991) Transformation of self in tourism. *Annals of Tourism Research*, vol.18: 238-250.
- Clifford, J. & Marcus, G. (org) (1986) *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, University of California Press.
- Clifford, J. (1992) Traveling Cultures. In L. Grossberg; C. Nelson and P. Treichler (eds) *Cultural Studies*. London: Routledge.
- Cohen, E. (1974) Who is a tourist?: A conceptual clarification. *The Sociological Review*, New Series, vol. 22: 527-555.
- _____ (1979) A phenomenology of tourist types. *Sociology*, vol. 13: 179-201.
- _____ (1984) The sociology of tourism: Approaches, issues and findings. *Annual Review of Sociology*; vol. 10: 373-392.
- _____ (1985) Tourism as a play. *Religion*, 15: 291-304.
- Cohen, E; Ben-Yehuda, N. & Aviad, J.(1987) Recentring the world: the quest for “elective” centers in a secularized universe. *The Sociological Review*, vol. 35; n 1: 320-346.
- Cosgrove, D. (1989) Geography is everywhere: culture and symbolism in human landscapes. In D. Gregory and R. Walford (eds) *Horizons in Human Geography*. Basingtoko: Macmillan.
- Crick, M. (1989) Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, sex, sights, savings, and servility. *Annu. Rev. Anthropol.* 18: 307-344.
- Dann, M. (1981) Tourist Motivation: An Appraisal. *Annals of Tourism Research*, vol. 8 n 2: 187-219.
- Dumazedier, J. (1968) Leisure. *International Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 9: 248-253.
- Eco, U. (1986) *Travels in hyper-reality*. London: Picador.
- Feifer, M. (1985) *Going Places*. London: Maccmillan.

- . Gottlieb, A. (1982) Americans' vacations. *Annals of Tourism Research*, vol 9; n 2:165-188
- . Graburn, N. (1983a) Editor's Page. *Annals of Tourism Research*, vol 10: 1-5.
- _____ (1983b) The Anthropology of Tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 10: 9-33.
- _____ (1989) 'Tourism: the sacred journey'. In V. Smith (ed) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. 2nd ed. Philadelphia (USA): Univ. of Pennsylvania Press.
- . Greenwood, D. (1982) Cultural "Authenticity". *Cultural Survival Quarterly*, vol. 6, n 3: 27-28.
- . Hugues, G. (1995) Authenticity in Tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 22, n 4: 781-803.
- . Jules-Rosette, B. and Bruner, E. (1994) Tourism as Process. *Annals of Tourism Research*, vol. 21, n 2: 404-410.
- . Lett, J. (1983) Ludic and liminoid aspects of charter yacht tourism in the Caribbean. *Annals of Tourism Research* vol. 10; n 1: 35-56.
- . Lowenthal, D. (1985). *The past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- . MacCannell, D. (1976) *The Tourist: a New Theory of the Leisure Class*. New York: Schocken.
- _____ (1984) Reconstructed ethnicity. Tourism and cultural identity in third world communities. *Annals of Tourism Research*, vol 11: 375-391.
- _____ (1992) *Empty Meeting Grounds. The Tourist Papers*. London & N York: Routledge.
- . Marcus, G. & Fisher, M. (1986) *Anthropology as Cultural Critique. An Experimental Moment in the Human Sciences*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- . Merleau-Ponty, M. (1962) *Phenomenology of Perception*. London: Routledge and Kegan Paul.
- . Nash, D. (1981) Tourism as an Anthropological Subject. *Current Anthropology* 22, n 5: 461-481.
- _____ (1984) The ritualization of tourism. Comment on Graburn's The Anthropology of Tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 11: 503-522.
- . Passariello, P. (1983) Never on Sunday? Mexican tourists at the beach. *Annals of Tourism Research*, vol. 10: 109-122.
- . Pi-Sunyer, O. (1981) "Tourism and Anthropology", *Annals of Tourism Research*, vol. 8: 271-284.
- . Schutz, A. (1972) *The Phenomenology of the Social World*. London: Heinemann.
- . Silver, I. (1993) Marketing authenticity in third world countries. *Annals of Tourism Research*. Vol. 20: 302-318.
- . Smith, V.(ed) (1989) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. 2nd. ed. Philadelphia (Usa): University of Pennsylvania Press
- . Turner, V. (1973) The center out there: The pilgrim's goal. *History of Religion* vol. 12, n 3: 191-230.
- _____ (1974a) *The ritual process*. Harmondsworth:Penguin.
- _____ (1974b) *Dramas, Fields and Metaphors*. Ithaca, N. York: Cornell Univ. Press.
- . Turner, V. and Turner, E. (1978) *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Oxford: Basil Blackwell.
- . Urry, J. (1990a) *The Tourist Gaze. Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage.
- _____ (1990b) The consumption of tourism. *Sociology*, vol. 24, n 1: 23-35.
- _____ (1992) The tourist gaze and the "environment". *Theory, Culture & Society*. Sage: London, Newbury Park and New Delhi, vol. 9: 1-26.
- _____ (1995) *Consuming Places*. London: Routledge.
- . Van den Berghe, P. & Keyes, C (1984) Introduction. Tourism and re-created ethnicity. *Annals of Tourism Research*, vol. 11: 343-352.
- . Vieira Filho, N. A. Q.(1999) Tourism and Social Identity: A n Anthropological Study in the community of Lavras Novas, in Ouro Preto, Brazil. Phd Thesis. Department of Social Anthropology – University of Manchester, UK.
- . Wagner, U. (1977) Out of time and place. Mass tourism and charter trips. *Ethnos*, vol. 42: 38-52.
- . Waldren, J. (1996) *Insiders and Outsiders: Paradise and Reality in Mallorca*. Oxford (UK): Berghahn Books.
- . Wilson, D. (1981) Comments on "Tourism as an anthropological subject" by D. Nash. *Current Anthropology*, vol. 22; n 5: 177.
- . Wood, R. (1984) Ethnic tourism, the State, and cultural change in Southeast Asia. *Annals of Tourism Research*, vol. 11: 353-374.